

CORNEL WEST

# QUESTÃO DE RAÇA

*2ª edição*

*Tradução*

Laura Teixeira Motta



DEMOCRACIA E QUESTÕES RACIAIS  
*PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO (2001)*

**OS NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS** diferem de todos os outros grupos de pessoas atualmente graças aos níveis sem precedentes de violência descontrolada e irrestrita dirigida a eles. Nenhum outro povo foi sistematicamente ensinado a odiar a si mesmo, seja por meio da violência psicológica — reforçada pelos poderes do Estado e da coerção civil —, seja pela violência física — que objetiva controlar a mente e explorar o trabalho dos negros há quase quatrocentos anos. A combinação única do terrorismo norte-americano (as leis de Jim Crow e o linchamento) com a barbárie norte-americana (comércio e trabalho de escravizados) prova o distinto ataque norte-americano à humanidade do povo negro. Essa ideologia e essa prática perversas da supremacia branca deixaram sua marca indelével em todas as esferas da vida norte-americana — desde os recorrentes crimes contra reservas ameríndias até a realidade da discriminação a latinos falantes de espanhol e dos estereótipos raciais contra os asiáticos. Ainda assim, a prova definitiva para a democracia norte-americana — sua economia, seu governo, seu sistema de justiça criminal, sua educação, seus meios de comunicação e sua cultura — permanece: quão amplos e intensos são os poderes arbitrários usados e aplicados contra os negros. Nesse sentido, o problema do século XXI continua sendo o problema da barreira racial.

O objetivo básico de um regime democrático é coibir o uso de poderes arbitrários — especialmente do governo e de instituições econômicas — contra seus cidadãos. Baseado nesse critério indubitável, a história da democracia norte-americana em relação aos negros entre 1776 e 1965 foi um fracasso colossal. Isso também se aplica aos povos vermelhos, marrons\* e amarelos. Por uma geração — 35 anos — nós embarcamos em uma democracia multirracial com avanços significativos e silêncios gritantes.

O progresso racial é inegável nos Estados Unidos. Nunca antes tivemos uma miscelânea tão colorida de profissionais nos negócios, na educação, na política, nos esportes e no movimento dos trabalhadores. Os tetos de vidro foram perfurados — não quebrados — por pessoas não brancas extraordinárias. Formas ostensivas de discriminação foram atacadas e forçadas a se tornar mais veladas.

Porém, o legado da supremacia branca perdura — muitas vezes diante da própria negação de sua existência. Os exemplos mais explícitos são o perfilamento racial, as condenações relacionadas às drogas (os negros consomem 12% das drogas ilegais nos Estados Unidos, mas sofrem quase 70% das condenações!), e as execuções de pena de morte. E os exemplos menos explícitos são os níveis de desemprego, as taxas de mortalidade infantil, o acesso à educação especial e a tratamentos para depressão.

A consequência mais imediata da experiência recente de democracia multirracial é o aumento da divisão e da distância de classes na sociedade e nas comunidades negras dos Estados Unidos. Isso ocorre principalmente porque o advento do regime multirracial norte-americano coincidiu com níveis crescentes de

desigualdade de riqueza. A nova inclusão de negros nas categorias profissionais da sociedade norte-americana ocorreu em paralelo à expansão inexplicável do poder corporativo na economia e no governo e o desencadeamento da força policial arbitrária em comunidades pobres racializadas, especialmente as negras, as marrons e vermelhas. O resultado, por um lado, são as conquistas de uma classe média negra, que materializam o progresso dos negros; por outro, a devastação das comunidades negras pobres e trabalhadoras, que produziu aumentos sem precedentes na população carcerária e nas vítimas negligenciadas de abuso policial. Escolas decrépitas, sistema de saúde inadequado, creches indisponíveis e poucos empregos com salários dignos compõem o cenário dessa miséria social.

A democracia nas questões raciais é importante porque classe e gênero são importantes na sociedade norte-americana e na vida dos negros. A desigualdade de riqueza (o 1% mais rico possui riqueza equivalente aos 95% mais pobres, ou 48% da riqueza financeira líquida do país!) move o pêndulo da balança na direção contrária de oportunidades justas em educação, emprego e outras chances de vida cruciais. O poder das corporações — com suas realidades plutocráticas, patriarcais e baseadas na cor da pele — diminui a capacidade de cidadãos e trabalhadores terem uma voz significativa na formatação de seu destino. O poder policial — usado desproporcionalmente contra as comunidades negras pobres — requer uma regulamentação realmente justa para não ser visto como ilegítimo e arbitrário.

O maior culpado das possibilidades democráticas aqui e mundo afora é a cultura de mercado em perpétua expansão que coloca

tudo e todos à venda. Por duas razões básicas, a expansão do poder corporativo é impulsionada pela comercialização e pela mercantilização generalizadas. Primeiro, as atividades de mercado de compra e venda e de publicidade e promoção enfraquecem as atividades não mercadológicas de cuidar, compartilhar e se relacionar. Os estímulos de curto prazo e a euforia instantânea superam as relações sólidas e a essência da comunidade. Segundo, os interesses privados estão acima das aspirações públicas. O sucesso individual — por vezes a qualquer custo e de qualquer forma — minimiza as transações justas e legais, de forma que o poder dos trabalhadores e dos cidadãos é enfraquecido. E nenhuma democracia pode sobreviver, não importa quão fortes sejam seus mercados, sem uma vida pública séria e um compromisso com a equidade e a justiça.

O tipo de transformação estrutural de que precisamos é bem representado por forças como Ralph Nader, Al Sharpton e Dolores Huerta. Vimos movimentos dessa aliança multirracial partindo de cidadãos conscientes e de trabalhadores desassistidos em Seattle, na Filadélfia, em Los Angeles, no Harlem e em San Antonio. No entanto, acredito que os progressistas negros ainda desempenharão um papel desproporcional.

O impacto da cultura de mercado sobre a vida dos negros foi devastador. Como Stanley Crouch observou corretamente, há cinquenta anos as comunidades negras eram as mais civilizadas e humanas dos Estados Unidos — altamente cuidadosas, atenciosas, amorosas e com amor-próprio por trás dos muros do apartheid norte-americano. A invasão do mercado, aliada à terrível disseminação das drogas, transformou muitos bairros negros em

guetos e comunidades civis negras em zonas incivilizadas de combate. Essa transformação resulta do duplo impacto das forças dominantes do mercado e dos estereótipos da perversa supremacia branca (e da supremacia masculina, heterossexista), estereótipos que moldam desproporcionalmente as percepções e as práticas dos negros. Desnecessário dizer que isso se aplica à sociedade norte-americana como um todo. Mas para um povo odiado e perseguido, cujos bens mais valiosos têm sido a memória subversiva, a integridade pessoal e o amor-próprio, tornar-se prisioneiro da amnésia histórica, das obsessões materialistas e da acomodação pessoal para se sentir aceito a qualquer custo produz o niilismo negro e o suicídio coletivo.

A maior tragédia da América negra nos últimos dez anos, aproximadamente, é a baixa qualidade das lideranças negras e a relativa desatenção à profunda crise da juventude negra. Para ser franco, simplesmente não há líderes negros que amem e respeitem os negros a ponto de lhes dizer a verdade — ou mesmo confiar a verdade a eles. Temos muitos líderes negros que cedem muito depressa e se vendem com bastante facilidade. E, como nas quartas-feiras à noite no Apollo Theater, a maioria dos negros sabe quem é *verdadeiro, comprometido e sério* e quem não é. Mas, muitas vezes, a opção por uma liderança de boa qualidade é limitada. E nos encontramos entre a cruz e a espada.

Isso é especialmente verdadeiro em relação à juventude negra. Com cerca de 40% das crianças negras vivendo na pobreza e quase 10% de todos os jovens adultos negros na prisão, enfrentamos uma crise de proporções enormes. No entanto, essa crise não é nem mesmo um pontinho na tela do radar nacional da política norte-

americana. Isso é uma vergonha e uma desgraça — e os líderes negros devem arcar com parte da responsabilidade. Como os jovens negros podem respeitar os líderes negros quando sua condição e seus dilemas são tão flagrantemente ignorados pelo mainstream — um mainstream que os líderes negros influenciam e com o qual dialogam? Com poucas exceções — Al Sharpton, Marian Wright Edelman, o Black Radical Congress, os programas ACT-SO (Olimpíadas Afro-Acadêmicas, Culturais, Tecnológicas e Científicas) da NAACP (Associação Nacional para o Progresso das Pessoas Não Brancas) para jovens, entre outros —, as lideranças negras tendem a minimizar as realidades dos jovens negros em detrimento do avanço profissional dos negros. Novamente, essa prioridade é uma questão de classe e de gênero na América negra. E agora está voltando para assombrar essas lideranças.

Conforme entramos no século XXI, devemos unir as urgentes questões nacionais negras às críticas questões de classe e gênero na globalização corporativa em todo o mundo. Como Danny Glover nos lembra constantemente, a proteção ao meio ambiente, aos consumidores e aos trabalhadores em nosso mundo cada vez mais interdependente de mercados capitalistas é crucial para que as questões raciais sejam aprimoradas. Se os movimentos pró-democracia enfraquecerem — e os cidadãos e os trabalhadores ficarem mais debilitados —, as questões raciais explodirão. E sabemos o ciclo ruim que isso produzirá. Nós devemos fazer melhor — mas apenas se reunirmos visão, coragem e vontade de fazê-lo.

---

\* No contexto demográfico norte-americano, “marrons” pode abarcar latinos, indianos e alguns povos do Oriente Médio. (N. T.)

## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1993)

*Pelo bem dos próprios filhos, para minimizar as consequências que eles terão de sofrer, é preciso cautela para não nos refugiarmos em ilusões — e o valor que se atribui à cor da pele é, e sempre será, em qualquer lugar, uma ilusão. Sei que o que estou pedindo é impossível. Mas em nossa época, assim como em qualquer outra, o impossível é o mínimo que se pode exigir — afinal, encoraja-nos o espetáculo da história humana em geral, e da história do negro norte-americano em particular, pois ela atesta nada mais, nada menos do que a perpétua realização do impossível.*

*[...] E aqui estamos, presos no centro do arco da mais aparatosa, valiosa e inverossímil das rodas-d'água já vistas no mundo. Agora, devemos reconhecer, tudo está em nossas mãos; não temos o direito de supor o contrário. Se nós — e aqui estou incluindo os brancos relativamente conscientes e os negros relativamente conscientes, que devem, tal qual amantes, insistir na conscientização dos outros, ou criar essa conscientização —, se nós não faltarmos ao dever agora, poderemos conseguir, mesmo sendo poucos, pôr fim ao pesadelo racial, conquistar nosso país e mudar a história do mundo. Se não ousarmos tudo agora, a realização da profecia, recriada da Bíblia na canção de um escravo, se abaterá sobre nós: “God gave Noah the rainbow sign, no more water, the fire next time!”. [Deus mandou a Noé o sinal do arco-íris; não mais a água, mas, da próxima vez, o fogo!]*

James Baldwin, *The Fire Next Time*, 1963

**EM SETEMBRO PASSADO**, minha esposa, Elleni, e eu estávamos a caminho de nossa jornada quinzenal de Princeton a Nova York. Eu estava bem-humorado. A aula que havia dado pela manhã no

curso de “Estudos sobre a cultura europeia”, abordando a primeira metade da *República*, de Platão, transcorreram muito bem. E a aula da tarde, sobre a obra *As almas da gente negra*, de W. E. B. Du Bois, em meu curso de “Estudos sobre a cultura afro-americana”, deixara-me exausto, porém entusiasmado. O poderoso simbolismo platônico sobre a incursão de Sócrates ao grande porto de Pireu — o centro multicultural dos negócios e do comércio grego e o baluarte da democracia ateniense — ainda ressoava em meus ouvidos. E a presciente afirmação de Du Bois — “O problema do século XX é o problema da barreira da cor” — continuava a me perseguir. Misteriosamente, essa dupla de clássicos apresentava-me os desafios mais fundamentais ao objetivo básico de minha vida: falar a verdade aos poderosos, com amor, para que a qualidade da vida cotidiana das pessoas comuns seja melhorada e a supremacia dos brancos se veja destituída de sua autoridade e legitimidade. Um desafio surgia da crítica de Platão — crítica profunda, porém pouco persuasiva — à democracia ateniense, para ele inevitavelmente corrompida pela ignorância e pelas paixões das massas. O outro provinha da penetrante análise de Du Bois sobre a intransigência da supremacia branca na experiência democrática norte-americana.

Quando nos aproximamos de Manhattan, comecei a ficar agitado, como ocorre toda vez que estou com pressa nas imediações do túnel Lincoln. A coisa mais rara é não ter de enfrentar um excruciante congestionamento — não importa o dia ou a hora. Mas daquela vez atravessamos o túnel sem percalços, e eu atribuí a boa sorte a Elleni. Ao entrar na cidade, cogitamos parar na Sweetwater (nosso local favorito para relaxar) caso

sobrasse tempo depois de cumprir nossos compromissos. Deixei minha esposa na rua 60, entre a Lexington e a Park Avenue, e guardei o carro — um veículo muito elegante — em um estacionamento seguro; depois parei na esquina da rua 60 com a Park Avenue para tomar um táxi. Eu estava bastante tranquilo, pois ainda faltava uma hora para meu próximo encontro, às cinco da tarde, com o fotógrafo que tiraria a foto para a capa deste livro, no telhado de um prédio residencial situado no East Harlem, entre a rua 115 e a First Avenue. Esperei, esperei e esperei; depois de o nono táxi ter me recusado, meu sangue começou a ferver. O décimo também me recusou, parando para uma gentil, bem-vestida e sorridente compatriota de ascendência europeia. Ao entrar no táxi, ela comentou: “Isso é ridículo, não?”.

Sórdidas lembranças de injúrias que sofri no passado em razão de minha raça passaram-me pela cabeça em um lampejo. Anos atrás, quando eu estava dirigindo meu carro a caminho de Nova York para dar aula no Williams College, fui parado sob a acusação forjada de traficar cocaína. Ao declarar ao policial que eu era professor de religião, ele replicou: “Tá legal, crioulo, e eu sou a Noviça Voadora! Vamos embora!”. Fui parado três vezes nos dez primeiros dias que passei em Princeton por dirigir devagar demais em uma rua residencial cujo limite de velocidade era de quarenta quilômetros por hora. (E meu filho, Clifton, já tem recordações semelhantes, na tenra idade de quinze anos!) Nem é preciso dizer que incidentes como esses não são nada perto de casos como o espancamento de Rodney King e a violência contra os negros nas ações do Cointelpro\* do FBI nas décadas de 1960 e 1970. Mesmo assim, aquelas lembranças me retalhavam impiedosamente o

espírito enquanto eu esperava naquela desolada esquina. Por fim, decidi ir de metrô. Percorri a pé três longas avenidas, cheguei atrasado e tive de me recompor ao me aproximar do fotógrafo branco e da designer branca que fazia a capa do livro. Preferi não me alongar na história dessa minha experiência tão comum na vida diária dos nova-iorquinos negros. E passamos um tempo agradável conversando, fazendo poses e tirando fotografias.

Quando fui buscar Elleni, contei-lhe sobre a hora que eu passara esperando na esquina, meu atraso, a habilidade e o entusiasmo do fotógrafo e da designer. Conversamos sobre nossa fantasia de mudar para Adis Abeba, na Etiópia, terra natal de Elleni e o local do evento mais agradável de minha vida. Entretive-me com a ideia de assistir ao último dia do *revival* presidido pelo reverendo Jeremiah Wright, de Chicago, na Igreja Batista do Cristo de Canaã, no Harlem, cujo mentor é o reverendo Wyatt T. Walker. Mas decidimos ir até a Sweetwater. E as más recordações se esvaíram em meio à comoção que aquela música, aquela comida e aquela gente nos provocavam.

Enquanto voltávamos para Princeton, embalados pela suave música negra “Quiet Storm”, de Van Harper, na WBLS, frequência 107.5, conversamos sobre o que a questão racial significou para o passado norte-americano e o quanto a raça faz diferença para uma pessoa nesta época e neste país. Jurei ser mais vigilante e virtuoso em meu empenho para enfrentar os desafios propostos por Platão e Du Bois. Para mim, isso constitui um problema urgente de poder e moralidade; para outros, é uma questão diária de vida ou morte.

\* O alvo do Cointelpro (Counter-Intelligence Program) eram líderes e organizações negros. Sua ação consistia em vigiar, perseguir ou mesmo matar. (N. T.)

*image  
not  
available*

de curto prazo e sucessos superficiais. Essa disposição imoral e brutal reforça — e, em parte, é resultado de — a mercantilização abrangente de um capitalismo predatório que foge do controle de nossas psiques e sociedades. A violência generalizada em nossas vidas e nas políticas militares no exterior é inseparável da mercantilização com fins lucrativos de nossa civilização capitalista espiritualmente empobrecida. E nossa civilização repousa sobre um império norte-americano em declínio e decadência.

O colapso do império está no centro de nossos tempos catastróficos. Nossa catástrofe ecológica é real. O Antropoceno nos devora. Práticas humanas — sobretudo grandes negócios e grandes operações militares — agora influenciam tão profundamente a atmosfera da Terra que as extinções são motivo de verdadeira preocupação. O potencial para uma catástrofe nuclear continua iminente à medida que as tensões entre Estados Unidos e Rússia aumentam e outras potências nucleares, como Coreia do Norte, China, Paquistão, Índia e Israel, estão se expandindo, inquietas. Nossas catástrofes econômicas andam de mãos dadas com a grotesca desigualdade de riqueza. Nossas catástrofes políticas se aprofundam à medida que a oligarquia triunfa por meio da disfunção governamental. Nossas catástrofes civis se aprofundam à medida que o interesse público, o bem comum ou mesmo o estado de direito é minado pelo grande capital. E nossas catástrofes culturais muitas vezes são escondidas — a vasta e triste realidade do trauma e do terror que atinge desproporcionalmente nossos concidadãos mais vulneráveis: os pobres, os LGBTQ, as pessoas não brancas, as mulheres e as crianças.

O colapso do império é o contra-ataque imoral da prática de guerra norte-americana — derrotar, destruir, devastar — na vida pública e privada dos seus cidadãos. A profunda negação das questões raciais na história dos Estados Unidos — com notáveis exceções como a guerra civil ou o movimento dos direitos civis — é um exemplo da mais profunda negação das questões do império no surgimento e na sustentação do país. Os Estados Unidos eram um projeto comercial antes de se tornarem um experimento democrático. Os Estados Unidos foram um empreendimento colonial do Império Britânico (e de outros) antes de simbolizarem uma ruptura revolucionária com o rei Jorge III. E o esforço revolucionário norte-americano foi construído com as terras e os corpos dos povos indígenas, bem como com a escravidão e a expropriação dos povos negros. Em suma, a expansão imperial, o capitalismo predatório e a supremacia branca foram o contexto que possibilitou a teoria e a prática da valiosa ideia de democracia nos Estados Unidos. Não nos esqueçamos de que a democracia imperial tem suas próprias estruturas de dominação.

Nosso colapso imperial atual é um eco distante do colapso imperial na Europa que se seguiu à Segunda Guerra Mundial — o momento que pôs fim à Era da Europa (1492-1945). O século norte-americano começou apenas quando o império soviético se tornou um adversário sério. E a queda do império soviético, em 1991, proporcionou o pleno domínio imperial norte-americano. Quase três décadas desde a incontestável afirmação de seu status de potência mundial, os Estados Unidos seguiram a rota de todos os impérios da história humana: o machismo dominante, a histeria incerta e a arrogância previsível. Como todos os impérios, o